

CRER PARA COMPREENDER

O evangelho de César

A pedra das cidades da Ásia, os títulos de César e o anúncio do anjo em Lucas 2

D. G. DE SOUZA

HAC-S01-023

Antes de começar

Quem é quem

Neste fascículo

I	O procônsul escreveu "por acaso"
II	O que a pedra diz
III	O título que Augusto recusou
IV	A paz gerada por vitórias
V	Naqueles dias
VI	O sinal é um cocho
VII	"Senhor César?"
VIII	Duas pazes

Capítulo I

O procônsul escreveu "por acaso"

Por volta do ano 9 a.C., o governador romano da província da Ásia, Paulo Fábio Máximo, mandou uma carta às cidades gregas que governava. O assunto era de escritório: o calendário. Cada cidade grega contava o ano do seu jeito, com os seus meses e o seu dia de começo. O procônsul propôs que todas começassem o ano no mesmo dia. E escolheu o dia: o aniversário do imperador.

Carta do procônsul Paulo Fábio Máximo, OGIS 458, linhas 21–23

δοκεῖ μοι πασῶν τῶν πολιτειῶν εἶναι μίαν καὶ τὴν αὐτὴν νέαν νουμηνίαν τὴν τοῦ θειοτάτου Καίσαρος γενέθλιον

"Parece-me bem que, para todas as cidades, haja um só e o mesmo ano-novo: o natalício do diviníssimo César."

O dia era "o nono antes das calendas de outubro", na contagem romana: 23 de setembro. Suetônio dá a mesma data para o nascimento de Augusto.[1]

A carta foi escrita em latim e em grego, e a pedra trazia as duas versões. O latim sobreviveu só em pedaços, em Apameia e Dorileu, na Frígia; mas os pedaços bastam para uma descoberta pequena e reveladora. O procônsul observou que o aniversário de Augusto coincidia com o dia em que os magistrados das cidades já tomavam posse. No latim, ele diz que a coincidência aconteceu *fortuito*, "por acaso". No grego, a mesma frase diz que aconteceu κατά τινα θείαν βούλησιν, "por uma vontade divina".[2]

O romano escreveu "por acaso". O tradutor grego escreveu "por vontade divina". As duas frases estavam lado a lado, no mesmo mármore.

Um ano que começa num aniversário

O resto da carta já soa diferente de um memorando. O procônsul diz que o natalício do "diviníssimo César" poderia com justiça ser considerado "igual ao princípio de todas as coisas", porque Augusto "deu a todo o mundo outro aspecto".[3] Os gregos da Ásia entenderam o convite. A assembleia das cidades, o *koinon*, aceitou a proposta e foi além. Decretou que o primeiro mês do ano se chamaria **César**. Decretou que todo documento oficial traria, ao lado da data grega, a data romana. Fixou um ano de 365 dias. E mandou gravar tudo numa

estela de mármore branco, no recinto sagrado de Roma e de Augusto, em Pérgamo, com cópias nas cidades principais da província, dentro dos templos de César.[4]

Em números

23 de setembro

o dia em que o ano passou a começar em todas as cidades da Ásia, por ser o aniversário de Augusto; o primeiro mês se chamava "César"

Uma dessas cópias, quase inteira, foi achada no fim do século XIX na praça pública de Priene, uma cidade pequena da costa da Ásia Menor, encostada a um pilar do pórtico norte. Está hoje em Berlim. Há pedaços de outras cópias em Apameia, Eumeneia e Dorileu. Por causa da pedra de Priene, os estudiosos chamam o conjunto de "inscrição do calendário de Priene".[5]



A pedra do calendário de Priene (OGIS 458), linhas 1 a 31: a carta do procônsul Paulo Fábio Máximo, na foto publicada por Adolf Deissmann. A pedra está hoje em Berlim.

Inscrição do calendário de Priene, linhas 1-31, foto em Adolf Deissmann, Light from the Ancient East, 1910 (domínio público)

Koinon

A liga das cidades gregas de uma província romana. Na Ásia, o koinon se reunia em assembleia, tinha um sumo sacerdote do culto de Roma e de Augusto e competia em honras ao imperador. Não era o Senado de Roma: era a elite grega local.

Nessa pedra, o nascimento de Augusto é chamado de começo de "boas-novas", e Augusto é chamado de "salvador". Algumas décadas depois, num livro escrito em grego, um anjo anuncia a pastores perto de Belém uma "boa-nova" e o nascimento de "um Salvador". No fim do episódio sobre as setenta semanas de

Daniel, deixamos essa pedra prometida.[6] Agora é preciso lê-la com cuidado: o que ela diz de fato, quem a escreveu, o que não está nela, e o que acontece quando as mesmas palavras são ditas sobre um menino deitado num cocho.

---

1. OGIS 458, linha 24: πρὸ ἐννέα καλανδῶν Ὀκτωβρίων. Suetônio, *Augusto* 5. O grego foi conferido em W. Dittenberger, *Orientis Graeci Inscriptiones Selectae* II (Leipzig, 1905), nº 458, pp. 48–60; a numeração das linhas é a dele e pode diferir em uma ou duas da edição atual (*IK Priene* 14).
2. Dittenberger, nota 13 ao nº 458, com o latim da cópia de Apameia.
3. OGIS 458, linhas 4–10.
4. OGIS 458, linhas 50–72; a estela "no recinto de Roma e de Augusto", linhas 63–64 (em Pérgamo, segundo Dittenberger, nota 38); o total, ὁμοῦ ἡμέραι τξε′, "ao todo, 365 dias", linha 71.
5. Dittenberger conhecia, em 1905, quatro cópias: Priene, Apameia, Eumeneia e Dorileu. A cópia de Priene é *Inschriften von Priene* (1906) nº 105.
6. HAC-S01-018, *As 70 semanas de Daniel*. A data "por volta de 9 a.C." vem de dois indícios: Fábio Máximo foi cônsul em 11 a.C., e o decreto ainda segue a regra do bissexto que Augusto corrigiu em 8 a.C. (Dittenberger, notas 31 e 50).

Capítulo II

O que a pedra diz

A frase famosa das "boas-novas" não é do procônsul. Está no decreto da assembleia, e o decreto diz de quem foi a ideia: "Pareceu bem aos gregos da Ásia, por proposta do sumo sacerdote Apolônio, filho de Menófilo, de Azanos".[1] Apolônio era o sumo sacerdote do culto de Roma e de Augusto na província. O procônsul tinha prometido uma coroa a quem achasse "as maiores honras" para César; a assembleia deu a coroa ao próprio procônsul. O texto mais citado sobre o "evangelho" de Augusto é a voz de uma elite provincial grega, em competição por honras, e não um decreto de Roma.

As linhas das boas-novas

Os colchetes marcam o que se perdeu na pedra e foi restaurado pelos editores.

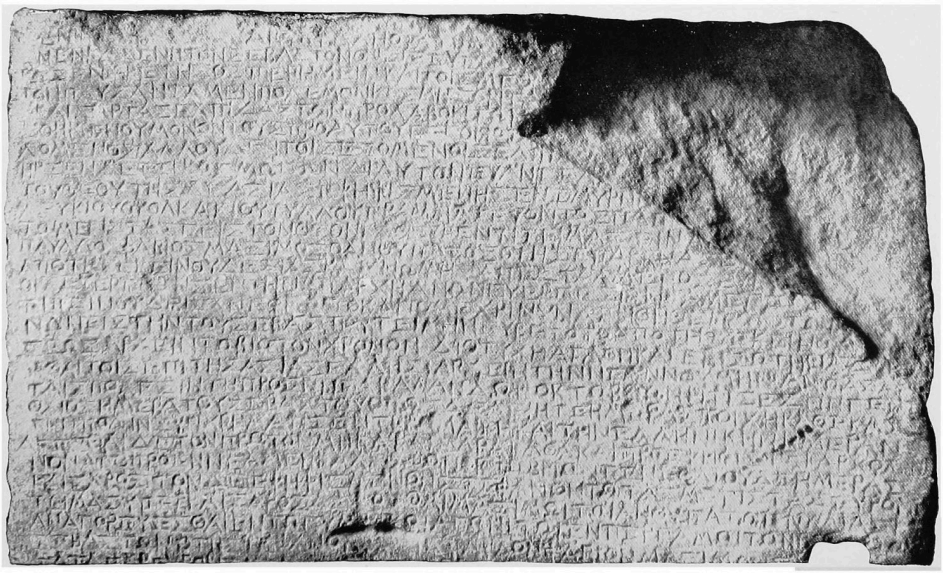
Decreto do koinon da Ásia, OGIS 458, linhas 35–41

σωτῆρα πέμψασα τὸν παύσοντα μὲν πόλεμον, κοσμήσοντα [δὲ πάντα] [...] ἤρξεν δὲ τῷ κόσμῳ τῶν δι᾽ αὐτὸν εὐανγελί[ων ἡ γενέθλιος ἡμέρα] τοῦ θεοῦ

"[A Providência] enviou-o como **salvador**, para nós e para os que vêm depois de nós, aquele que poria fim à guerra e ordenaria todas as coisas [...] e o natalício do deus deu início, para o mundo, às **boas-novas** que vieram por meio dele."

Algumas palavras estão firmes na pedra: "enviando como salvador", *σωτῆρα πέμψασα*; "o deus", *τοῦ θεοῦ*; e "as boas-novas por meio dele", *τῶν δι᾽ αὐτὸν εὐανγελί[ων]*, com as últimas letras restauradas. É o plural de *τὰ εὐαγγέλια*, escrito com a grafia da pedra, *εὐανγ-*.[2]

Outras precisam de cuidado. O texto que circula traz, um pouco antes, uma frase em que César "ultrapassou as esperanças dos que antes anunciaram boas-novas". Essa primeira "boa-nova" está numa lacuna. Dittenberger deixou a linha em branco e anotou que nem ele nem Wilamowitz acharam suplemento adequado; o que se lê hoje é restauração posterior. O mesmo vale para a "epifania" de Augusto.[3] Na pedra de Priene, a palavra "boas-novas" aparece com segurança uma vez, e no plural.



O bloco das linhas 32 a 60 da inscrição de Priene, com o decreto da assembleia da Ásia: o nascimento de Augusto como começo das "boas-novas" (εὐαγγέλια) para o mundo.

Inscrição do calendário de Priene, linhas 32-60, foto em Adolf Deissmann, Light from the Ancient East, 1910 (domínio público)

Euangelion, euangelia

No grego comum, τὰ εὐαγγέλια, no plural, era a notícia boa que chegava, de uma vitória ou da ascensão de um rei, e os sacrifícios de ação de graças por ela. O verbo εὐαγγελίζομαι é "anunciar uma boa notícia". No Novo Testamento, o substantivo no singular, τὸ εὐαγγέλιον, virou o nome da mensagem sobre Jesus, e depois dos livros que a contam.

Palavras comuns

O plural mostra que a palavra não era rara. Quando Vespasiano foi aclamado imperador, em 69, Josefo escreveu que "toda cidade festejava as boas-novas e oferecia sacrifícios por ele".[4] É o uso de Priene: notícia de poder que chega e se celebra no altar.

O mesmo vale para "salvador". Os reis gregos depois de Alexandre já o usavam, e generais romanos o receberam antes de Augusto. Cícero conta que viu em Siracusa uma inscrição que chamava Verres, o governador corrupto da Sicília, não só de "patrono" da ilha, mas de *SOTERA*.



"É tão grande que não se pode exprimir em latim com uma só palavra. Este é, sem dúvida, o sōtēr: o que deu a salvação."

Cícero, *Contra Verres* II, 2, 154

É ironia. O "salvador" gravado na pedra era o homem que tinha saqueado a província. Calvino, comentando "Salvador" em Lucas 2:11, cita esse passo de Cícero.[5] "Salvador" e "benfeitor" eram os títulos com que as cidades gregas pagavam um governante.

Três camadas

Para ler a pedra sem exagero, é preciso separar três coisas: o que Roma dizia, o que as províncias faziam e o que os cristãos escreveram.

Em Roma, Augusto vivo não teve templo. Suetônio diz que na cidade ele se absteve disso "com toda a obstinação", e que nas províncias só aceitou templos "em nome comum seu e de Roma".[6] Nas províncias gregas, eram as cidades que pediam. No inverno de 30 para 29 a.C., logo depois da vitória sobre Antônio e Cleópatra, Otaviano permitiu aos gregos da Ásia um recinto sagrado para ele em Pérgamo, e aos da Bitínia, em Nicomédia. Dião Cássio acrescenta que o costume continuou com os outros imperadores, mas que "na própria cidade e no resto da Itália ninguém ousou fazê-lo".[7] Tácito põe na boca de Tibério que Augusto

"não proibiu" o templo de Pérgamo. A iniciativa vinha de baixo. É o mesmo templo em cujo recinto a estela do calendário foi posta.

Na terra de Israel, Herodes, que, como vimos no episódio sobre o cetro de Judá, era rei por decreto do Senado romano, fez o mesmo nas cidades de maioria gentia.[8] Refundou a Samaria com o nome de Sebaste, o feminino grego de *Augustus*, com um templo para César no meio. Ergueu outro em Pânias, junto às fontes do Jordão. E, na costa, construiu um porto inteiro e o chamou de Cesareia.

Josefo, *Guerra judaica* 1.414

ναὸς Καίσαρος ἐπὶ γηλόφου [...] κολοσσὸς Καίσαρος οὐκ ἀποδέων τοῦ Ὀλυμπίασιν Διός

"Um templo de César sobre uma colina [...] e um colosso de César que não fica atrás do Zeus de Olímpia."

O navio que entrava em Cesareia via primeiro, no alto, o templo de César e de Roma.[9] Em Jerusalém, não houve templo de César. Quem vivia na Ásia não lia teologia imperial em tratados: vivia num calendário que começava no aniversário de César.

---

1. OGIS 458, linhas 30–31: Ἔδοξεν τοῖς ἐπὶ τῆς Ἀσίας Ἕλλησι, γνώμῃ τοῦ ἀρχιερέως Ἀπολλωνίου τοῦ Μηνοφίλου Ἀζανίτου. A coroa: linhas 44 e 56–61.

2. Linhas 35–36 e 40–41. Conferido em Dittenberger e em C. A. Evans, "Mark's Incipit and the Priene Calendar Inscription", *Journal of Greco-Roman Christianity and Judaism* 1 (2000), pp. 67–81. Se alguma letra de σωτῆρα é restaurada, só a edição *IK Priene* 14 pode dizer.

3. Dittenberger, nota 27. Evans traz [εὐανγέλια πάντων ὑπερ]έθηκεν; Dittenberger, [---]έθηκεν. O "aparecer" é [φανεὶς δὲ] em Dittenberger.

4. Josefo, *Guerra judaica* 4.618; também 4.656, "chegaram as boas-novas de Roma". Grego da edição de B. Niese.

5. Cícero, *Contra Verres* II, 2, 154: *Is est nimirum soter qui salutem dedit*. Calvino, *Harmonia dos Evangelhos*, sobre Lucas 2:11 (tradução inglesa da Calvin Translation Society).

6. Suetônio, *Augusto* 52.

7. Dião Cássio 51.20.6–9; Tácito, *Anais* 4.37.

8. HAC-S02-007, *O cetro saiu de Judá?*; a chegada de Roma está no HAC-S01-001, *Pompeu no Santo dos Santos*.

9. Josefo, *Guerra judaica* 1.403–415; *Antiguidades judaicas* 15.292–298 e 15.339. Que Herodes escolheu de propósito as cidades gentias é leitura provável dos manuais, não dita por Josefo.

Capítulo III

O título que Augusto recusou

A pedra de Priene chama Augusto de "deus" e de "salvador". Não o chama de "senhor". E não por descuido: o próprio Augusto não queria o título.



Augusto de Prima Porta, em foto da casa Brogi (c. 1875–1907, Rijksmuseum): o imperador como general que fala à tropa.

Edizione Brogi, Augusto de Prima Porta, c. 1875-1907, Rijksmuseum, Amsterdã (CC0)

Suetônio conta que, num espetáculo em Roma, um ator de mimo disse em cena "Ó senhor justo e bom!", e o público inteiro aplaudiu olhando para o imperador.

> **Suetônio, *Augusto* 53.1**
>
> *Domini appellationem ut maledictum et obprobrium semper exhorruit.*
>
> "Sempre teve horror ao título de 'senhor', como a uma maldição e a um insulto."

Augusto reprimiu a bajulação com a mão e com o rosto, e no dia seguinte baixou um édito severíssimo. Não deixou que nem os filhos e os netos o chamassem assim.[1] Em latim, *dominus* era o senhor de escravos, e um príncipe que dizia ter devolvido a república ao Senado não podia ser o dono dos cidadãos.

Uma geração depois

O título, porém, veio. Adolf Deissmann, que reuniu inscrições e papiros do mundo grego no começo do século XX, mostrou que "senhor" para os Césares aparece primeiro no Egito e na Síria. Documentos de 49 e 54 chamam Cláudio de "o senhor". Com Nero, diz Deissmann, os exemplos "sobem de repente", até uma inscrição de 67 que o chama de "senhor do mundo inteiro".[2]

O próprio Lucas registra a mudança. Por volta de 59 ou 60, o governador Festo, que tinha Paulo preso em Cesareia e não sabia o que fazer com ele, desabafou diante do rei Agripa.

Sobre ele não tenho nada de certo para escrever ao senhor.

ATOS 25:26

O "senhor" é Nero.[3] O fundador do império recusava o título; uma geração depois, o imperador já era "o senhor" na boca dos seus governadores.

Kyrios

"Senhor", em grego. Podia ser cortesia, o dono de uma casa ou de um escravo, um governante. Na Septuaginta, a Bíblia grega dos judeus, κύριος é a palavra que substitui o nome de Deus, YHWH. Quando um judeu ou um cristão de fala grega dizia "o Senhor", ouvia o nome do Deus de Israel.

Havia outro título, e esse Augusto aceitou. Depois que o Senado declarou divino Júlio César, em 42 a.C., Otaviano, filho adotivo dele, passou a assinar *Caesar divi filius*, "César, filho do divino". As moedas trazem CAESAR DIVI F. *Divus* é "divinizado", não exatamente *deus*, mas o grego traduzia por θεοῦ υἱός, "filho de deus".[4]



Moeda de ouro de Augusto com a legenda CAESAR AVGVSTVS DIVI F PATER PATRIAE, "César Augusto, filho do divino, pai da pátria" (American Numismatic Society).

Áureo de Augusto, Lugdunum, 2 a.C.-4 d.C., American Numismatic Society, 1980.109.155 (CC0)

É preciso dizer as coisas com precisão. Com Augusto, as cidades gregas diziam "deus" e "salvador", e ele era "filho do divino"; "senhor", ele mesmo recusava. Os seguintes aceitaram. Quando Lucas escreveu, o título já estava firme.

---

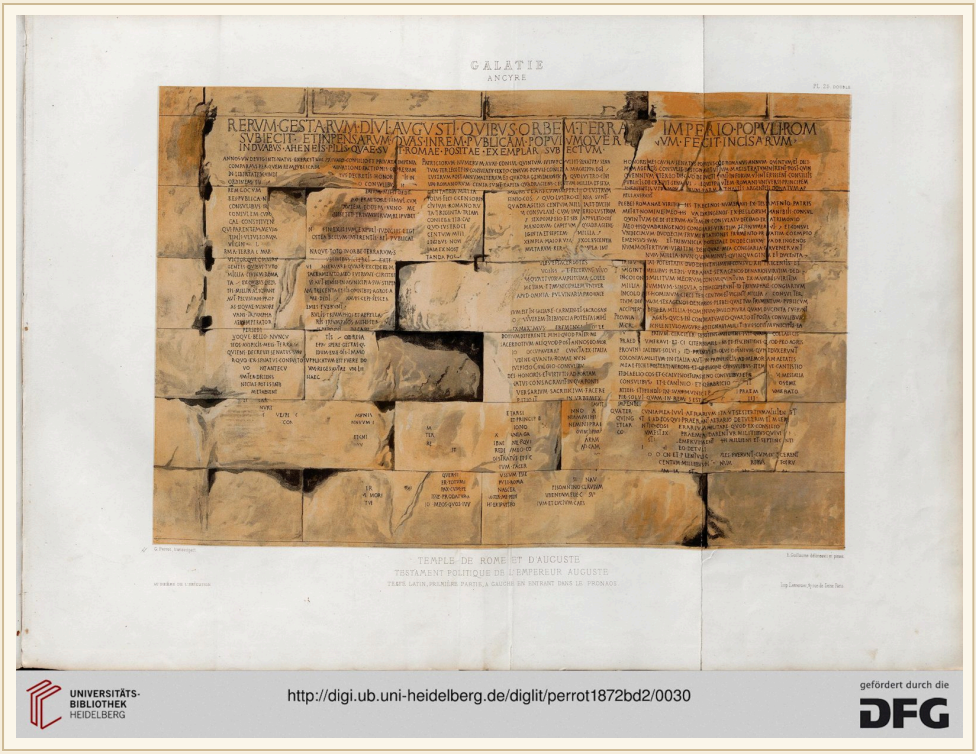
1. Suetônio, *Augusto* 53.1, latim da Latin Library.

2. A. Deissmann, *Light from the Ancient East* (Londres, 1910), pp. 356–358. Os papiros foram conferidos só pela citação de Deissmann.
3. Em Atos 25:21 e 25, Lucas chama o imperador de ὁ Σεβαστός, "o Augusto". Os textos do Novo Testamento são traduções do autor, a partir do grego do SBL Greek New Testament.
4. Inscrições e papiros com θεοῦ υἱός para Augusto são listados por Evans (2000), p. 69, e não foram conferidos aqui. Virgílio chama Augusto de *divi genus*, "raça do divino" (*Eneida* 6.792).

Capítulo IV

A paz gerada por vitórias

A pedra diz que a Providência enviou Augusto como aquele "que poria fim à guerra". A palavra que resumia a obra de Augusto, para os romanos, era *pax*. Ele mesmo a usou no relato dos seus feitos, as *Res Gestae*, escrito aos 76 anos, no ano da sua morte, e gravado em bronze diante do seu mausoléu. A cópia mais completa está nas paredes do templo de Roma e Augusto em Ancara.[1]



O latim das Res Gestae copiado das paredes do templo de Roma e Augusto em Ancara, em prancha de 1872.

Perrot, Guillaume e Delbet, Exploration archéologique de la Galatie et de la Bithynie, 1872, Monumentum Ancyranum (CC0)

O altar e as portas

O Senado, conta Augusto, decretou em 13 a.C. o "altar da Paz Augusta" no Campo de Marte, pelo seu regresso da Hispânia e da Gália. Ovídio marca o dia da dedicação, 30 de janeiro; os calendários de pedra dão o ano 9 a.C., o mesmo da inscrição de Priene. No mesmo poema que celebra o altar, Ovídio diz o preço da paz: "que o primeiro e o último mundo tremam diante dos filhos de Eneias".[2]

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S01-023

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *O evangelho de César*. O fascículo inteiro tem 56 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender